

MILTON GURAN - Então, o que o senhor diz é muito importante para um historiador. Eu vou gravar, então. O senhor diz que seus avós são...

LAZARE SHANOU - Sim, meus avós são descendentes de brasileiros.

MG - De que família?

LS - De Campos.

MG - De Campos, como madame Amégan.

LS - Então, eu cresci na casa da minha avó, que é próxima da paróquia Notre Dame. E é lá que eu fui iniciado, justamente nas festas brasileiras. Notadamente a *bourian*, que se manifesta por volta do fim de janeiro, cada ano. Tem outras manifestações lá, eles saíam, eles se fantasiavam em animais diversos: avestruz, pantera, leopardo.

MG - E tem a *bourian* também.

LS - Sim. E lá, eles passavam dançando pela cidade, eles vão saudar os anciões que têm parentes brasileiros. Foi assim que eles vieram diversas vezes na paróquia *Notre Dame*, porque lá é um bairro onde residiam os brasileiros, os descendentes dos brasileiros. E os de Campos, os Da Cruz, os Monteiro, Da Conceição, eles faziam povo de dança [NdoT: **caligrafia incompreensível**], porque eles tinham mascaradas. No dia seguinte, tinha a celebração eucarística.

MG - Era por volta de que ano?

LS - Era por volta de 1925, 26, 27.

MG - O senhor tem que idade?

L - Tenho 75 anos, 76 em dezembro passado.

MG - O senhor disse que os africanos que partiram para o Brasil, eles tinham o hábito de celebrar missas.

LS - Sim, um culto, e pedir a graça do retorno ao país de nome Nosso Senhor do Bom Fim.

MG - O fim é o retorno.

LS - Sim. Então a gente diz correntemente Bonfim.

MG - Bonfim é bom fim em português.

LS - Sim, então a festa era à noite, eles faziam torneios de dança. Dura uma boa parte da noite. Começa quando a noite cai. E eles vieram quando eu estava na paróquia *Notre*

*Dame* onde eu era cura. Eles vieram por minha causa à paróquia, eles dançaram bastante tempo. Depois eles continuaram. No fim eles voltaram para casa, o dia seguinte tinha missa, nós fazíamos um piquenique no campo, a festa durava todo o dia seguinte. Esta aí o que eu guardei disso.

MG - Tem 50 anos isso, 60 anos, e isso continua.

LS - Sim, a festa está sempre lá.

MG - O desfile durou sete horas. Terminou às 5 horas da manhã. Eu segui.

LS - Foi por eles que eu ouvi falar do senhor, porque eu tenho uma sobrinha que está entre os que organizam a festa.

MG - Madame Amégan?

LS - Não, elas são parentes também.

MG - É a Antoinette de Campos?

LS - É a Céline de Campos. Mas o senhor conhece todos os lugares!

MG - Fazem 3 [NdoT: caligrafia difícil, pode ser 8] anos que eu comecei essa pesquisa sobre toda a costa, em Grande Popô, em Aguê, em Porto Seguro, que mudou de nome agora, em Uidá, em Cotonu, em Abomé, em Calavi, eu vejo famílias e faço entrevistas como essa. Eu tento recolher os fragmentos de recordações para juntá-los e fazer história.

LS - É importante.

MG - Sabemos que o cristianismo começou aqui, com os agudás retornados do Brasil. Mais tarde, teve a colonização onde os hábitos se misturaram, antes os agudás, não havia mesa, cadeira, cama e o vestuário assim. Agora, todo mundo tem vestimentas, come com garfos, etc. Então é difícil de ver quem é agudá e quem não é. Mas o senhor conhece a cultura e o senhor está na paróquia há mais de 40 anos. Na opinião do senhor, alguém que é agudás é diferente daquele que não é?

LS - A educação dos agudás é diferente daquela dos outros. Uma criança educada por um agudá é diferente das outras.

MG - O senhor pode me dar um exemplo?

LS - Eles são muito polidos, respeitosos e deferentes diante dos anciões. Um agudá não falará quando outro fala. Ele o deixará acabar e se apresentará de uma maneira muito correta, que mostra o respeito que ele tem pelo outro. Eu acho que isso vem do seu costume de escravo. Eles tinham a necessidade de voltar para a terra deles, é por isso que eles iam sobre aquela colina lá, para rezar para que o Senhor favorecesse o retorno para a terra deles. Era Nosso Senhor do Bonfim. Era em verde [NdT: caligrafia difícil,

pode ser “em vão”, mas escrito “en vent”, “ao vento”] que se expunham na igreja para a missa e para a procissão. Eu não sei se o senhor encontrou a família Amaral.

MG - Sim, é a família que está na cabeça dessa festa. Padre, a festa de Nosso Senhor do Bonfim é uma das grandes festas do Brasil. A maior festa católica é nossa. Sim? É como Nossa Senhora que está em Paris. E tem muita gente. Para o Bonfim da Bahia, tem um milhão de pessoas. Nós saudamos o Nosso Senhor do Bonfim. E os descendentes das pessoas da África, eles fazem uma lavagem, uma limpeza com água, mesmo as escadarias da colina, porque nessa colina foi feita uma igreja muito bonita. Dizemos que é a água d’Oxalá. Bom, o senhor fala da família Amaral. Tem também o cônsul do Brasil, senhor Da Silva Karin. Ele festeja também o Bonfim.

LS - Como ele é muçulmano, ele tenta puxar o lençol sobre ele. Então tem rivalidade, quase oposição. O grupo agudá o tinha pego como presidente da associação deles, mas eles sentiram que, estando capaz, eles o deixaram de lado. E, sobretudo, porque ele não é católico. Eles não veem porque teriam como patrono um muçulmano. Eu sei que na família Da Silva têm católicos, têm muçulmanos e têm incrédulos. É a sua situação financeira que o fez designar presidente do grupo. E ele tem domicílio na praça Bayol.

MG - É verdade que tem essa diferença há alguns anos, mas depois eles fazem a festa juntos e funciona.

LS - Sim, faz mais ou menos quatro ou cinco anos que eles se separaram.

MG - Esse ano a festa não estava na Catedral, mas em *Saint François Xavier*.

LS - É porque eles quiseram estender a festa sobre toda Porto Novo. Até então, era somente na *Notre Dame*. Tanto que eles dizem que é a igreja dos agudás. É por isso que eles quiseram a adesão de outros à celebração, é o porquê de eles terem partido para *Saint François Xavier*.

MG - É uma bela igreja. Eles fizeram uma festa muito bonita. Fizeram uma barreira. Segundo a experiência do senhor, no ano católico os agudás fazem uma festa diferente dos outros?

LS - Quando têm quermesses nós sentimos a vivacidade dos agudás. Chamamos isso de “o impulso”.

MG - E o que acontece?

LS - Vendemos coisas.

MG - Sim, isso vem de [NdoT: caligrafia incompreensível], venda em leilão, damos objetos e vendemos para obras de caridade.

LS - Sim, na minha juventude isso se fazia à noite. Não se faz mais à noite, agora é em pleno dia. E chamamos de quermesse hoje.

MG - Padre Shanou, quando eu encontro brasileiros idosos como meus pais, quando me apresento, eles dizem “como paso”.

LS - Sim, é a saudação.

MG - O senhor conhece palavras brasileiras que lhe recordam dos tempos de seus avós? Como paso, obrigado, o senhor conhece?

LS - Sim.

MG - Tem várias palavras que passaram na linguagem corrente, como colher, garfo, faca, a cama, *le lit*. Tem várias outras. Eu tento pegar esses fragmentos para tentar contar uma história. O senhor sabe que a grande mesquita foi construída por um Paraíso. E que tem um diz que me diz sobre o dinheiro dessa mesquita. Essa mesquita é uma igreja católica baiana. O senhor não sabia? Vou mandar para o senhor uma foto da igreja católica baiana, é exatamente como a mesquita. E como pediram aos agudás de fazer uma mesquita, eles disseram: “Mas o que é uma mesquita?”. E disseram a eles que é um templo para rezar. Eles disseram: “Ah, isso nós conhecemos”. E eles construíram uma igreja e depois fizeram um minarete. Pois é, desde então tem uma disputa entre os agudás muçulmanos e os agudás não muçulmanos. Os agudás muçulmanos querem ser enterrados com um caixão de madeira e não um lençol. Eu não consigo entender. O senhor saberia algo sobre essa história?

LS - Não, não conheço. É com o Da Silva que eu percebi que existia essa rivalidade. Porque ele queria estar por cima, ser o patrão de todos os muçulmanos, então os outros disseram não. Eles funcionaram dois ou três anos e depois deixaram de lado.

MG - Mesmo os agudás?

LS - Os outros, todo mundo o deixou.

MG - Mas ele se apresenta como o representante dos muçulmanos do Benin.

LS - Cada um sua ideia, sua ambição.

MG - O senhor se lembra da festa de *bourian*, de quando o senhor era pequeno? Ela tocava todo mundo? Os agudás ricos não vão à festa, são os agudás mais pobres que vão.

LS - É para as crianças. É talvez por causa da mascarada que a cerca e depois, sobretudo, eles colocam máscaras e essas máscaras são mais criança que adulto. É por isso.

MG - Então é para as crianças e os pobres, porque os ricos não aparecem por lá. Eles continuam na tevê.

LS - Sim, mas antes os anciãos iam à festa, participavam. Eu lembro quando eu era criança, minha casa estava bem na esquina da paróquia. Eu estava por dentro de tudo. Os anciãos estão mortos agora, os mais novos têm dinheiro agora. Precisamente, fui

quarta feira para Sèmè, eles estão construindo uma igreja sobre o terreno dos De Campos, nós fomos para benzer o lugar. Porque tem um que está retornando da França, que trabalhou por lá, ele está aposentado agora e tinha uma propriedade em Sèmè porque a família morava na beira do mar, tinham uma grande concessão. O caminho passava por lá e os cortou. Para evitar os riscos de deslocamento, eles querem construir do lado do mar. Esse que veio da França e que tem recursos é da família Tokoumbo. É Appolinaire. Ele construiu um alojamento do lado do correio.

MG - Seu avô é Campos também?

LS - Sim, nós somos parentes, primos. Nosso nome quer dizer: aquele que volta do mar.

MG - Aquele que retornou.

LS - Sim, é a nossa família.

MG - Então, quando eu ver Tokoumbo, eu vejo De Campos.

LS - Sim.

MG - Será que tem muitos que não tem um nome brasileiro, mas que lembram do grande retorno?

LS - É aquele que eu conheço. É ele que está na cabeça, com os anciões. Ele fez o plano da capela. É lá que nós fizemos a missa. Monsenhor Mensah disse em seu sermão que essa localização é preciosa. A família se reunirá lá doravante, para as celebrações. Quando ela será construída, nós iremos periodicamente, celebrar a missa.

MG - Aliás, eu reparo que entre os bispos do Benin, sobre os nove, quatro são de origem afro-brasileira. Tem Sastre, De Souza, Vieira, e tem outro que está no Norte e sua mãe é De Souza. É o Monsenhor Agbotam. Tem muitos padres de origem brasileira?

LS - Tem ele, Agbotam, tem De Souza, tem Raul, Vieira, tem, quem ainda?

MG - Quando o senhor estava no seminário, sentiu que sua condição mudou alguma coisa?

LS - Não, eu era muito jovem para me ocupar dessas coisas. Eu tinha um objetivo, eu queria ser padre e me ocupei disso.

MG- O senhor tem colegas brasileiros que queriam se tornar brasileiros nessa época?

LS - Não, meus predecessores, tinha Moilero, o primeiro padre, tem Kiti, tem Durand, Monsenhor Durand de origem brasileira também. Os outros eram autóctones. Nós éramos quarenta quando começamos o seminário, para chegar a quatro. (...) Uidá é um grande feudo dos agudá.